

CONTO PARA O CONCURSO QUARENTENA- LIVRARIA LELLO

PSEUDÔNIMO: **DORIANA DO PORTO**

TÍTULO: **“MEU MUNDO NA PANDEMIA- PRÉ E PÓS RITA”**

TÍTULO: “MEU MUNDO NA PANDEMIA- PRÉ E PÓS RITA”

SINOPSE:

Já pensou se bem na hora que a OMS decretasse pandemia mundial, você acordasse sem lenço, sem documento e sem memória em pleno aeroporto de Guarulhos em São Paulo, já às moscas? É por este “drama”, bem no começo da quarentena, que Amanda Côrrea, gerente de vendas de uma marca de leite de amêndoas passa.

Workaholic nata com síndrome do pânico e viciada em Ritalina (ingerida para produzir mais e mais) Amanda sofre uma overdose e consequente amnésia por conta da “Rita”.

Sem seus documentos (que foram furtados enquanto ela dormia após o surto) só restam algumas pistas para Amanda descobrir quem ela é. Uma lista com dicas de bares em Copenhagen, uma pochete brega (segunda ela mesma) com alguns quilos de maconha, 500 dólares, 20 comprimidos, e uma tatuagem com corações e a grafia “Lucas”, na virilha. Daí pra frente, ela tenta se redescobrir numa nova cidade fantasma chamada São Paulo.

Mas o santo de Amanda, ou melhor, de Rita, nome que ela adota para a sua jornada é forte. Em meio à pandemia e à quarentena, ela encontra pessoas solidárias, como a servente do banheiro do aeroporto, o morador de rua da Paulista, e o voluntário que ajuda os invisíveis na nossa sociedade. São eles que ajudam “Rita” a viver o resto da sua quarentena, e da sua vida, com mais sanidade e tranquilidade.

Hora do mantra da abundância que o meu guru master me ensinou.

- Acredite em você e multiplique suas bençãos.

Em nome do pai, do filho e do Mark Zuckerberg, vai dar tudo certo. Agora não... pelo amor de Deus, um ataque de pânico agora não... Rita, o que tá fazendo comigo? Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira. Aum... Aum... Aum...

hashtag sai de mim pânico maldito. Em 10 minutos tenho que vender 500 litros de leite de amêndoas para este atacadista. 500 litros para a minha promoção. Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira. Aum...

- Bom dia.

Inspira, expira, inspira...

- Bom dia.

Vamos lá, Amanda, se prepara para a sua entrada triunfal. Tô chegando, Dênis.

Tum tum. Tum tum, Tum tum, Tum tum.

MEU MUNDO PRÉ-PANDEMIA. NA EUFORIA PRÉ- VIAGEM.

São Paulo, 13 de março de 2020.

São 7 para às 6 da tarde. Daqui a 24 horas estarei na capital da sustentabilidade. Eu sou FODAAA. Das minhas tetas saem leite de amêndoas. kkk. Como eu consegui vender este leite de ouro? #AmandaAmandoAPromoção, #CopenhagenFestival, #euseivender.

Vamos ver quantos likes eu tenho? 4.300 likes. Agora, tenho que retribuir isso aqui. Todo mundo feliz pela minha promoção, principalmente meu filho que vai ganhar um Xbox novo. Dênis, please, escreva um comentário de agradecimento para cada um que me parabenizou nas redes sociais. Eu também tô sem tempo, se vira nos 30. Pede para o seu assistente fazer o job. Eu preciso disso AGORA e te pago pra isso. Sabia que AGORA em dinamarquês é nu? Legal, né?

Dênis, a Rita vai com a gente, tá? Já fez as malas? Eu tô colocando todos meus cachecóis, cardigans e luvas de neve na mala. Vamos pegar uma friaca boa. A gente merece esta viagem, né? Quero encher meu cu de Carlsberg.

- Mãe, não precisava fazer estes brigadeiros.

- Levar para o meu chefe? Ele é vegano, não vai comer doce com leite condensado.

Para tuudoo! My god, acabei de ter uma ideia. Mamiii, você é foda, ou melhor eu sou. kkk. Vou propor o leite condensado à base de leite de amêndoas para os gringos. Vou ficar ricaaaaa. Amanda capa da Forbes, capa da Time, capa da Newsweek... Vou sambar na cara da sociedade.

- Fica tranquila, mãe. Acho que o corona vírus tá controlado lá.

Não é possível. Justo na minha hora de brilhar. Não vai ser esta gripezinha que vai me ofuscar. Todos os dias, eu caio e levanto. Tô até preparada para a guerra. Imagina se não tô preparada para um vírus Made In China?

Dênis, não esquece o seu carregador. Depois vc vai ficar pedindo o meu emprestado. Que horas vc vai para o aeroporto? Eu vou demorar um pouco. Preciso fazer uma meditação urgente... Sabe como é... lá não vou ter tempo de meditar.

Putaquepariu! Crise de pânico no caminho do aeroporto? Aum, aum, aum, Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira... Rita, me ajuda.

- Moço, você tem alguma bebida alcóolica aqui no carro?

Aum, aum, aum, Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira.

Rivotril, meu amado, chega nimim!

MEU MUNDO NA PANDEMIA. FO-DEU. QUEM SOU EU?

Onde estou? Que dia é hoje?

Abro os olhos e me deparo com uma mulher me cutucando. Estou toda encolhida e enrolada numa manta com estampa de oncinha de gosto duvidoso. Será que esta merda é minha ou alguém colocou em mim? Meu bafo é de quem comeu carpaccio de barata. Ecaaaa, Mas onde estou? Sinto um fio gelado correndo por toda a minha coluna, saindo do cóccix, passando pelas costas e desbocando no cérebro. Mas o que este fio gélido encontra é um... vácuo. Que horror! Alguém fez uma lobotomia em mim? Virei rata de laboratório? Só pode ser mais um pesadelo.

- A senhora num pode ficar drumindo aí. Deve tá gostoso, mas é perigoso... Onti tinha um moço com a senhora, pensei que era seu esposo mas depois que ele viu que eu tava de olho nele, picou a mula.

Me ajeito na cadeira buscando uma posição confortável, mas só encontro dúvidas e mal jeitos. E a boca enorme e sem dentes dessa mulher em cima de mim.

- Como era este rapaz que a senhora viu comigo?

- Era um homi bem magro, branquelo, os cabelo preto e barba.

- Cabelo preto e barba?

Ufa! Que bom, minha bolsa está aqui.

- Tomou uns goró é? Já vi muita gente com medo de pegar avião que enche a cara e capota aí. Nesse memo lugar onde a dona tá.

Sim claro, estou em um aeroporto.

- Me chamo Maria, e ocê?

- O meu nome?

Boa pergunta... Abro o zíper da bolsa com o máximo de rapidez que os meus dedos conseguem. Cadê minha carteira? Cadê meu celular?

- A senhora me roubou!

- Eu? Mas só se eu fosse muito da jumenta, né dona? Eu te acordo pra avisar que sarrupiei seus pertence... Sou pobre mas honesta, viu? Deve ter sido o homi que tava te rondando onti.

- Desculpa... Estou meio confusa. Peraí...

Encontro uma anotação na bolsa, "Dicas de bares em Copenhagen". Deve ser o meu destino de viagem... Acho que eu nunca fui pra lá. Mas não tenho certeza disso.

- Não tem documento nenhum aí, dona? Nadica de nada?

- Não...

Nem meu passaporte que contaria muita coisa sobre mim.

Será que eu perdi o voo? Saio correndo em disparada, a mulher me segue, paro assustada, só vejo voos cancelados no painel.

- Rita do céu! Para de correr, dona!

- Rita? Você disse Rita?

- Falei. Rita da Santa.

- Talvez meu nome seja Rita.

- Lembrou? Graças a Deus, Dona Rita. É um nome bão! É um nome santo.

- Sim, Santa Rita de Cássia.

Ótimo, tudo o que eu preciso agora, um nome abençoado. Rita é muito familiar pra mim. Sinto até um alívio ao pronunciá-lo.

- Epa... Tô sentindo alguma coisa aqui na minha barriga.

- A dona tá prenha?

- Não! Quer dizer, acho que não... Sabe onde tem um banheiro aqui, Maria? Pode me levar até lá?

- Craro.

Neste banheiro gelado, sem nome e sobrenome o que mais me acalma é pensar que eu me chamo Rita. Sinto um calor nestas letras R, I, T, A. Um alento que aquece a alma... Um sentimento de conexão enorme. Tiro a calça e encontro uma pochete. Que coisa brega. Como eu fui capaz de colocar um troço feio desses na cintura? Tô ficando envergonhada desse alguém que eu era e não me lembro... Opa, 100, 200, 300, 500 dólares! Já posso pegar um uber até minha casa. Mas onde será que eu moro? 2, 3, 5, 7...10, 20 comprimidos. Posso ser doente, maluca, ou simplesmente... traficante de drogas.

- Dona Rita, tá tudo bem? Dona?

Maconha. Isso eu sei muito bem o que é. Vai ver usei tanto que esqueci de tudo e da minha identidade. Que merda. Aqui teve ter uns 3 quilos, ou mais... Será que eu ia traficar isso lá fora? Uma tatuagem na virilha... Estou começando a me reconhecer... Lucas com corações vermelhos. Deve ser meu namorado. Só pode ser. Isso se eu gostar de homem... me lembro de ter achado muita mulher atraente.

- Dona, tá tudo bem memo?

- Tá sim, Maria! O que você quer, afinal?

- Ajudá ocê.

Saio do banheiro com a certeza de que eu não faço a menor ideia de quem eu seja.

- A dona tá ficando mais corada. Com a cara mais mió. Peguei um café pra ocê. Toma.

Será que eu confio neste café? Ela pode ter colocado alguma coisa aqui, um boa noite cinderela, uma droga pesada...Mas por algum motivo é ela quem está cuidando de mim.

Bebo o copo todo num gole só. Que café delicioso, my god! Esta mulher deve ser um anjo... só pode ser.

- Vamo na polícia, Dona Rita. Lá ocê conversa com os homi e eles ajuda ocê.

Polícia com estas drogas não é uma boa ideia... Além disso, posso precisar vendê-las pra comprar comida.

- Não gosto muito de polícia, Maria.

- Por quê?

- Ela pode ser agressiva comigo.

- Dona, sua cachola não tá boa não. Tá tendo um vírus correndo solto por aí. Por isso que tá tudo parado. Cancelaram um monti de viaje e tá perigoso ficar por aí. Ouve o que tô lhe dizeno... A dona já abraçou o jacaré, vai querer braçá o capeta também?

Uma pandemia? Agora, tenho certeza. Estou mesmo num pesadelo, só pode ser.

- Que vírus é este?

- Eu também não sei, Dona Rita. Só sei que tenho que trabaiá e trabaiá aqui limpando banheiro porque tenho dois fio pra criá.

- My God... Será que eu tenho filhos também?

- Já sei onde levar ocê.

- Onde?

- Vou lhe levar na Igreja Universal do Reino de Deus. Lá a dona vai encontrar Jesus no coração e se libertá!

Opa... Minha intuição tá dando fortes sinais pra fugir desta igreja, como o diabo foge da cruz.

- Por acaso é uma igreja evangélica?

- Sim, senhora. Meus fio tudo se curaram lá.

- Olha, Maria, agrago imensamente sua ajuda. Mas tô ótima. Acabei de me lembrar onde moro. Já me lembrei do meu nome. Do nome do meu namorado... Do nome da minha mãe... Até o nome do meu cachorro eu me lembrei!

- É memo? Cê tem bicho?

- Sim, o Papito! Tenho um labrador que se chama... Papito.

- Deve ter sido a santa que refrescou seus miolo.

- Preciso ir pra casa, Maria. Obrigada por me acordar. Obrigada por tudo, viu?

- Leva isso, dona.

Ela me entrega um bilhete de ônibus e 20 reais...Que gentileza.

- Obrigada, Maria. Espera um minuto aqui. Já volto.

Vou até o banheiro onde a temperatura na mesma baia onde estive há pouco parece ter subido um pouco. Pego uma nota de 100 dólares na pochete pra levar a Maria. Afinal, se não fosse esta mulher eu ainda estaria dormindo, sem saber que o mundo está numa pandemia.

Volto para o lugar onde estávamos. Cadê ela? Sumiu... Devia ter avisado que ia lhe dar dinheiro, assim ela esperaria. Ela parecia ser do bem. Talvez seja eu a carrasca... Posso ser uma traficante, uma assassina...ou simplesmente, uma filha da puta capitalista.

- Moço, por favor. Preciso de uma informação. Tem algum voo para Copenhagen hoje?

A resposta daquele rapaz chegou em mim como um funk carioca ensurdecendo meus tímpanos. O som da voz dele era horrorosa, e o conteúdo pior ainda. Um vírus capaz de fechar as fronteiras de um país, de vários países! Estou me sentindo numa série da Netflix, numa distopia bem fraca de criatividade.

Como saber se isso é um pesadelo ou a realidade crua? Não me lembro quem eu sou, então isso pode ser mesmo um pesadelo. Menos mal. E tem mais. Mais um sinal fortíssimo de que tudo isso é um pesadelo. Toda a breguice que me rodeia... Como eu faria um a tatuagem com nome de alguém? E bem na virilha? Cobertor de oncinha, e pochete cor de rosa não são bons sinais de dignidade.

Tento cavar alguma coisa nas profundezas da minha alma. Encontro uma frase. Uma frase que me soa como um mantra, um lema. “Acredite em você e multiplique suas bençãos”. “Acredite em você e multiplique suas bençãos”. “Acredite em você e multiplique suas bençãos”. Mais brega que isso, só 2, 3 disso.

É isso aí... Let's go, Rita!

MEU MUNDO NA PANDEMIA. UM NOVO OLHAR SOBRE A CIDADE.

São Paulo, algum dia de março.

Me sinto mais confiante. Neste pesadelo, agora sei que me chamo Rita, que tenho um namorado, ou marido chamado Lucas e tenho até um lema de vida. “Acredite em você e multiplique suas bênçãos”. Será que o policial vai me colocar no manicômio se eu confessar que não lembro mais quem eu sou? Talvez este manicômio seja melhor do que a minha própria casa. Mas onde será este lugar?

Apesar de não saber quem eu sou, sinto uma sensação de liberdade. Estranho... Se eu tivesse um cargo importante, tipo prefeita da cidade já teriam me encontrado. Que pena, tudo indica que não sou alguém muuuito poderosa. Mas será que isso não é bom? Não saber que eu sou me deixa mais leve, com vontade de sair por aí.

- Moço, onde eu pego um ônibus para a Avenida Paulista?
- Que altura da Paulista você vai?
- Boa pergunta. Ao shopping.
- Qual deles?
- Qualquer um, moço.
- Tá tudo fechado por conta do coronavírus.

Como eu sou sortuda... Perder a memória em meio a uma pandemia! Só você mesmo Rita. Devo ter colado chiclete na cruz de Jesus Cristo, só pode ser.

A experiência de pegar um ônibus é incrível. Tem ar-condicionado, lugar de sobra pra sentar (claro que é por causa de pandemia), tem até onde pra carregar o celular. O meu deve estar cheio de mensagens. Isso me deixa entediada... Que bom que não estou com o meu.

O cobrador é cortês comigo. Se mostra preocupado.

- O que uma moça bem vestida tá fazendo solta por aí no meio da pandemia? Brigou com o marido? Se foi agredida eu posso lhe acompanhar na delegacia da mulher.

Credo! Acho que o Lucas não faria isso. Mas por enquanto ele é um nome perdido, vagando numa espécie de palavras nuvem da minha vida. Ele pode ser tanta coisa, meu namorado, meu marido, meu ex-marido, meu pai, meu filho, meu cachorro, meu estagiário, ou até mesmo... meu vibrador. Opa... Isso é um sinal. Que eu gosto de pinto!

Observo as pessoas na rua. Estão com medo. Já os moradores de rua...

- Moça, me dá um trocado? Tô morrendo de fome.

Será que eu dou uma droga pra este cara? Sai diabinho! Prefiro ser uma pessoa do bem e ouço o anjinho me sussurrando boas ações. Afinal de contas, tenho que honrar este nome de santa.

- Toma, fica com este cobertor. Agora tá calor mas à noite pode esfriar.

- Muito agradecido. A senhora é muito bonita.

No espelho do banheiro do aeroporto eu me achei destruída, mas tudo bem. Não me lembro qual é o padrão de beleza de hoje. E sinceramente, nem quero me lembrar.

O pedinte coloca a manta com estampa de oncinha nas costas e imita uma onça. Está feliz como uma criança encantada com um presente novo. Acesso alguma memória da minha infância. Sento no meio fio e faço a plateia para aquele morador de rua, tentando puxar mais elementos da memória. É feio se sentir criança? É feio deixar os sentimentos fluírem? Feio é deixar a vida passar... Abraço ele! Por trás desta sujeira toda pode existir um belo homem. Ele faz carinho no meu cabelo. Como será que veio parar aqui? Será que tinha uma vida como a minha? Ele tenta me beijar na boca. Desvio elegantemente e saio dançando. Para preservar o romantismo do momento, e claro, a minha flora bucal.

Observo a rua vazia. Só aqueles moradores de rua perambulando. Me sinto como eles. Sem nome, sem responsabilidade, invisível... Aposto que eles não gostam de se sentir invisível como eu estou gostando de me sentir agora. Observo com os cachorros gostam deles. Os cães são anjos de patas. E eu? Sou um resto de algo que não estava gostando de ser. O pedinte com a manta mudou de fisionomia. Agora está mais triste. Ele me olha com ternura e me oferece um pedaço de pão e eu aceito.

- Obrigada.

Devoro o pão numa mordida só. Ele tem gosto de passado. Começo a me lembrar de alguns flashes. Uma rua cheia de carros. Buzinas. Um caos agonizante. Eu atrasada no trânsito de carros. Perdida nos pensamentos volto a mim subitamente. Em minha direção vem um homem que deve ter saído de um bueiro com um objeto pontiagudo nas mãos. Saio correndo. Isso aqui tá começando a ficar perigoso... Preciso encontrar minha casa logo, ou um abrigo para me proteger.

Rita, chegou a hora de usar o seu sexto sentido... Se é que você tem este item de fábrica.

MEU MUNDO NA PANDEMIA. MINHA CASA É MEU CORPO.

Procuro um lugar para me refrescar do calor e encontro uma sombra embaixo de uma árvore linda, repleta de flores roxas. Nunca vi uma árvore assim em São Paulo. Mas a verdade é que eu não posso afirmar nada... Sinto um ventinho me refrescando o rosto, como um carinho, que talvez eu nunca tenha tido. My god. Sentir um vácuo na cabeça é horrível. É como se eu tivesse com Alzheimer precoce. Uma sensação de falta de referência, falta de história, falta de um amigo do meu lado. Pior ainda vai ser se eu descobrir que realmente não tenho um amigo sequer.

A minha vida deve ser mesmo uma merda. Se fosse boa seria instintivo. Eu sairia correndo atrás do meu celular, da minha casa, da minha família, dos meus amigos. Mas ao contrário disso, o que eu estou fazendo? Fugindo de quem eu era... Divagando sobre o nada que eu sou embaixo de uma árvore... Observo as flores roxas. São lindas mesmo, e cheirosas!

Saco... Lá vem mais um homem. Justo agora que eu encontrei uma companheira em meio à pandemia: minha árvore favorita. Ele sorri pra mim. Eu sorrio pra ele. Ele é bonito. Será que ele perdeu a memória como eu? Vai ver este vírus faz isso com as pessoas... Seria um mundo interessante, um mundo sem memórias ruins.

- Olá. Tudo bem? Posso compartilhar a sombra desta quaresmeira com a senhorita?

- Claro. Estamos num espaço público, certo?

- Certo!

O rapaz bem vestido e com olhar sedutor coloca uma máscara e senta-se ao meu lado. Yes! Uma certeza. Eu gosto de homem. Posso até ser bissexual. Mas sou monogâmica. Não dividiria este homem com ninguém.

- Você disse quaresmeira.

- Sim, esta árvore floresce na quaresma, nesta época. É um clássico da nossa cidade. Você não é daqui?

- Eu? Não. Não sou daqui...

- Realmente nunca a vi por aqui. Prazer. Meu nome é Márcio. E você?

- Rita. Meu nome é Rita.

Rita. Este nome tá começando a me irritar... Mas é o que eu tenho pra hoje.

- Rita, tá tudo bem? E a quarentena?

- Você disse quarentona?

- Quarentena... Estamos numa quarentena.

- Ah sim, Claro. Quaresma, quarentena... também sou católica.

- Rita, tá tudo bem mesmo com você? Eu a vi com os moradores de rua há pouco. Trabalho para uma ONG que arrecada comida pra eles. Posso te ajudar, se quiser.

- Que bonito!

Não me lembro de fazer parte de algum projeto assim. Mas a esperança é a última que morre. Então pode ser que eu faça algo assim... O nome de santa eu já tenho.

- Você disse que pode me ajudar.

- Sim. Você se lembra onde mora?

- Claro. Nos Jardins.

- Okei. Quer que eu te leve lá?

- Agora? Posso te pedir outra coisa?

- Sim.

- Um abraço.

- Um abraço? Você não está com covid19, né?

- Nem sei direito o que é isso.

- Tudo bem... Vem cá.

Quando aquele belo homem se aproxima de mim, ouço uma música. “Never mind, I'll find someone like you,..I wish nothing but the best for you, too... Don't forget me. I begged” ... Que sensação boa. Quanto calor preenchendo minhas entranhas em apenas um gesto. Este abraço parece ser a melhor coisa que eu poderia sentir agora. Ficaria horas aqui nestes braços, anos... Uma vida, talvez.

- Tá melhor?

- Sim. Me fez muito bem. O seu abraço.

My god! Este homem é tudo de bom, bonito, educado, gentil... Só falta ser tarado, inteligente e bem sucedido. Mesmo não sabendo quem eu sou, é meu match perfeito.

- Você vem sempre nessa quaresmeira?

- Não... Na verdade eu te segui porque fiquei preocupado com você. Mas adoro quaresmeiras. Principalmente quando elas florescem. E isso só acontece de fevereiro a abril.

- Não sabia disso... A árvore é linda.

Começo a adorar minha situação de mulher lesada e desmemoriada. O pesadelo virou um sonho do lado deste deus grego.

- Eu ia viajar para Copenhagen.

- Hoje?

- Sim. Eu vim do aeroporto.

- O que você ia fazer em Copenhagen?

- Trabalhar, ué.

Trabalho. Aquela palavra me atingiu como um raio. Me veio um sentimento ruim. De cobrança. Muita cobrança, cumprir meta, meta, meta, meta.

- Tá tudo bem, Rita?

- Não... Tá tudo estranho.

As coisas estavam clareando pra mim. E quanto mais claro ficava, meu mundo interno escurecia.

- Você usou alguma droga?

- Depende... Você trabalha na polícia?

- Não. Sou tradutor.

Vou ter que confiar no galã gente boa dos Jardins.

- Não me lembro se usei drogas.

Levantei a blusa, tirei tudo o que eu tinha na pochete mais brega do mundo e mostrei a ele.

- Eu não me lembro de nada, Márcio... Acordei babando no aeroporto de Guarulhos, sem carteira, sem passaporte. Só tenho isso aqui... Esta bolsa com estas dicas de bares em Copenhague, os dólares, a maconha e os comprimidos.

- Sério?

- Seríssimo!

Choro um choro agudo, agonizante... São lágrimas de desespero por não me sentir parte do mundo, mas também por medo, medo de não gostar de ser quem eu sou... Ele me abraça.

Sinto mais uma vez aquele abraço forte, determinado, concreto. Ele me acalma e me traz para a terra, para o chão. Sinto uma sensação maravilhosa de segurança. Talvez seja disso que eu precise para eu voltar a ser quem eu era, um pouco de segurança e tranquilidade.

- Calma, Rita. Vou te ajudar.

Ele limpa minhas lágrimas, depois observa os comprimidos com aqueles olhos lindos.

- Isso aqui é Ritalina?

De repente, uma sensação terrível de fracasso invade todas as minhas moléculas, todos os meus átomos.

- Ritalina? Você conhece?

- Parece... Minha ex-mulher tomava porque tinha déficit de atenção.

Merda! Rita não é meu nome. É esta droga que eu tomo como água. No meu caso, pra me concentrar e produzir cada vez mais e mais. Eu não me chamo Rita. Rita é esta merda, my god!

- Márcio, eu tomo, ou tomava esta merda aí pra produzir muito... E agora tenho certeza que não é meu nome. Tava associando meu nome ao da droga porque ela é muito presente na minha vida.

- Uau... Tem certeza?

- Eu não me chamo Rita... Agora, tenho certeza disso. Achei que era meu nome mas não é.

Percebo que elegantemente o Márcio segura o riso. Eu começo a rir de nervoso e rimos juntos.

- Você não lembra seu nome?

- Não... Como te disse fui roubada no aeroporto e as únicas pistas que eu tenho sobre mim são estas aí. Conheci uma servente lá, quem me acordou, e ela disse algo sobre Santa Rita de Cássia... Eu achei o nome muito familiar e resolvi adotar como meu.

O queixo de Márcio cai. Mas logo ele o levanta, com seu jeito sereno de quem medita e faz yoga há anos.

- Que quebra-cabeças!

- É isso mesmo. Sinto que minha cabeça foi rachada em mosaicos. E agora tenho que juntar os cacos.

- Podemos ir à polícia. Acho que é o jeito mais fácil... Não tenho muito talento para Sherlock Holmes.

- Só se você me prometer uma coisa. Não fuja de mim quando descobrir quem eu sou.

- Ok... Vamos agora?

- Vamos.

- Você sabe onde tem uma delegacia aqui perto?

- Vou descobrir agora.

Márcio tira o celular do bolso para pesquisar... Realmente não estou com saudades do meu, e isso parece ser um bom sinal.

- Por acaso, você não se lembra de algum número de telefone?

- Não... Não mesmo. E o que vamos fazer com estas drogas?

- Lixo.

- Tem certeza? A gente podia dar uma relaxada.

- Olha, antiga Rita... Não acho uma boa ideia você se intoxicar ainda mais.

- Claro.

Fico um pouco ansiosa. Me lembro de uma frase. “Ansiedade é a alma desta cidade”. Meu sexto, sétimo e oitavo sentidos me fazem crer que eu não irei gostar do que vou

ver... Mas vamos lá Senhorita Amnésia, chegou a hora de se enxergar de verdade, nem que você tenha a cara da infelicidade.

MEU MUNDO NA PANDEMIA. MINHA NOVA VIDA DAQUI PRA FRENTE.

Vamos a pé para a delegacia. Márcio para numa farmácia e compra uma máscara para mim. Me explica que por conta do coronavírus temos que nos proteger e proteger os outros. Sinto que coloquei mais uma máscara, mais uma em cima das várias que eu coloquei para não enxergar quem eu sou.

Não tem quase ninguém na polícia. Deve ser por causa do tal coronavírus. Conversamos com os policiais e conto toda a minha saga nas últimas 24 horas.

- Agora, eu não me lembro da minha identidade. Onde moro, com quem eu moro, onde eu trabalho, se tenho filhos, do meu signo, da minha preferência sexual, em quem votei nas últimas eleições... Ah, e tenho uma tatuagem na virilha escrito Lucas, ao lado de alguns corações.

Minha última frase causa gargalhadas. Eu até pensei em omitir, mas já que é pra me olhar no espelho logo, resolvi “abrir as pernas”, no sentido figurativo, claro.

- Tudo bem, senhorita. Já é o bastante. Através das suas digitais e de uma espécie de máquina fotográfica vamos mapear sua face. Daí podemos procurar você. Se você tiver redes sociais será bem mais fácil.

O policial escaneia minha imagem e minha alma. Sinto minha identidade sendo invadida. Fico com falta de ar. Peço uma água, bebo, engasgo e fico muito, muito ansiosa. Não demora nem 5 minutos e o policial me mostra um perfil nas redes sociais. Amanda Côrrea.

- Amanda, esta é você.

Entro num transe... Estou vendo uma mulher aparentemente bem sucedida com milhares de amigos no Facebook, muitos likes, ostentando viagens, roupas, sorrisos, mas vazia. Completamente vazia.

- E olha só. Aqui nesta foto você escreve sobre seu filho Lucas.

Um filho? Um filho com quem não sinto a menor conexão, mal o reconheço.

- O Lucas da tatuagem é meu filho! Ele deve estar desesperado atrás de mim...espero.

- Márcio, posso te dar outro abraço?

- Claro.

Mais uma vez sinto um abraço verdadeiro. A força do afeto em meio a um turbilhão de coisas ruins.

- Vamos fazer o B.O do seu roubo?

- Agora? Justo agora?

Márcio explica para o policial que eu fiquei perturbada. Que nós voltaremos depois, mais calmos. Mando uma mensagem para a minha mãe. My god, ela está desesperada. Por conta da minha surtada, minha família toda surtou. Me sinto culpada.

- Márcio, minha mãe vai demorar pra me buscar. Foi até a casa da minha avó em Campinas achando que eu ia para lá.

- Quer ir para a minha casa? Lá você toma um banho e relaxa um pouco, Amanda! Agora você tem um nome, lindo por sinal!

- Sim, por favor,

Será que eu sempre fui meio dada? Meu sexto sentido está me dizendo que há meses minha vagina não recebe outro convidado que não seja um pedaço de algodão com um fio na ponta: um absorvente interno.

Fomos a pé para a casa do Márcio No caminho falamos pouco. Ele é um cara centrado. Bem diferente de mim. E pra minha alegria, ele mora bem, My god! Uma linda casa de vila no Jardins.

- Amanda, este é o “Pileque”, meu felino e meu alter ego.

Não sei quem é mais gato. Ele ou o gato dele.

- Você está melhor?

- Não.

- Tudo bem. Vou fazer um jantar pra nós enquanto você toma banho... Há quanto tempo você não come?

- Não me lembro.

Tomo um delicioso banho e lavo minha alma. A minha e de todas os infelizes que colocaram na minha cabeça que produtividade e status no trabalho levam à felicidade. Comemos um delicioso ravioli preparado por ele e ficamos observando a lua. Pelo jeito ele faz isso todos os dias.... Até que chega a hora de ir embora.

- Minha mãe está chegando. Tadinha... achava que eu tinha morrido.

E de certa forma, tinha.

- Obrigada por tudo.

- Se cuida, hein! Daqui pra frente, nada de Ritalina... Muito álcool em gel nas mãos e máscara sempre que sair de casa.

Dou um abraço bem esperançoso no Márcio. Espero poder retribuir tudo o que este homem fez por mim, mesmo sem saber.

Minha mãe estava desesperada, coitada. O Dênis meu estagiário tinha colocado 500 mensagens nas minhas redes sociais: Procura-se minha chefe Amanda. Recompensa-se bem. Todos achando que eu tinha morrido de coronavírus.

Na verdade, eu estava renascendo para um novo mundo. Um mundo mais justo, menos corporativista, mais coletivo, mais amoroso, menos preconceituoso, menos doloroso, com menos cobranças. Eu tinha sobrevivido a uma overdose por excesso de drogas que eu tomava para produzir cada vez mais. Agora, vou ter que sobreviver a uma pandemia. Mesmo com muita incerteza e medo, tenho a impressão que para mim o pior já passou.

Me livrei daquela capa meritocrática que a sociedade coloca na gente, sem pedir licença. Agora bola pra frente, Amanda!

Quero passar minha quarentena cuidando dos meus pais, do meu filho, com quem eu nunca me relacionei direito... e com alguém que eu tinha me desconectado há muito tempo, eu mesma.

Quem sabe nesta quarentena rola um call com o homem que melhor traduziu para mim o sentimento de afeto nos últimos tempos. A Rita e a Amanda estão aguardando ansiosamente (sem exagero) um invite do Márcio para este grande encontro... Me protegendo e rezando muito para não pegar o covid19.
